

ENTRE LÁGRIMAS E DENÚNCIAS: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NO CONTO MARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Karina de Oliveira Azevedo¹
Kamila Mirley Lopes Maciel²
Nilton Ferreira de Andrade³
Rian Lucas da Silva⁴
Girleene Marques Formiga⁵

RESUMO

A violência de gênero, infelizmente, é uma prática recorrente no Brasil, o que provoca inquietação por parte de profissionais de áreas diversas que buscam caminhos para o combate desta problemática. Face aos crimes contra mulheres, este trabalho visa discutir questões relacionadas à violência contra a mulher negra e, para isso, vale-se da literatura como uma ferramenta de resistência capaz de levar para todos os espaços a voz e a história de mulheres que têm/tiveram a sua vida marcada pela dor do abuso sofrido. Isso posto, objetiva-se compreender, neste trabalho, como se aborda a temática violência contra a mulher, por meio da personagem Maria no conto homônimo, contido na obra *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo (2015), que aborda a condição feminina a partir do conceito de escrevivência Evaristo (2017) – a escrita de vivências de um corpo feminino negro. Partindo de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, as discussões são baseadas em Davis (2016) que menciona um conjunto de pressupostos referentes às relações raciais, dentre os quais sobre a mulher negra e sua condição no meio social, e em Chauí (1985) que questiona a violência, bem como a opressão feminina em um mundo cercado por concepções machistas e patriarcais, além da própria Evaristo (2009; 2015; 2016) que evidencia, em sua obra, o atravessamento de sua condição de mulher negra nascida em condições socioeconômica desfavoráveis. Os resultados apontam a necessidade de refletirmos sobre a vulnerabilidade e as situações de violência das quais as mulheres negras são vítimas. Essas reflexões, ao serem provocadas pela literatura e compreendidas como instrumento de (re)construção de uma sociedade, podem ampliar discussões sobre a prevenção e a desconstrução da cultura de violência contra a mulher.

Palavras-chave: Violência contra a mulher, Mulher negra, Literatura, Conceição Evaristo.

INTRODUÇÃO

Compreende-se que a violência contra a mulher é um fenômeno histórico, rebento de diversos contextos e vozes marcadas pela desigualdade de gênero, desigualdade de classe, raça e sexualidade, em conexão com os interesses do sistema patriarcal, que se revela de

¹ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT – IFPB. Pós-graduada em EJA – UFPB; Educação Infantil – CINTEP e Gestão com ênfase em Supervisão – FALC. Graduada em Letras Português/Inglês – UEPB. karina.deoliveira@yahoo.com.br;

² Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT - IFPB, kamila.lopes@academico.ifpb.edu.br;

³ Graduando em Letras com habilitação em Língua Portuguesa - IFPB, nilton.andrade@academico.ifpb.edu.br;

⁴ Graduando em Docência com ênfase em Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - IFMG, rianpd2013@gmail.com;

⁵ Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), com atuação na Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. gformiga@uoi.com.br;

forma mais expressiva em relação à mulher negra, grupo mais silenciado e privado de sua própria identidade.

Partindo deste pressuposto, focamos no conto *Maria*, publicado na coletânea *Olhos D'água* (2015), de autoria de Conceição Evaristo, com vistas a compreender como se aborda a temática violência contra a mulher negra, identificada desde as primeiras linhas da narrativa. A obra revela, por meio da linguagem simbólica, a violência, a vulnerabilidade e a exclusão sofridas pela protagonista, dando-nos a oportunidade de (re)pensar representações de sujeitos diante da pluralidade social e cultural de nosso país. Assim, a narrativa apresentada na ficção por Evaristo reflete a realidade nua e crua de muitas mulheres negras em situações de vulnerabilidade social e econômica, posto reconhecemos na personagem principal a representação de muitas Marias que buscam sobreviver em uma sociedade machista e racista marcada por vários tipos de silenciamento.

Desse modo, por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, fundamentada pelos pressupostos de autores como Marilena Chauí (1985), Angela Davis (2016) e a própria Conceição Evaristo (2009; 2015; 2016), discutimos sobre temas tão pungentes na sociedade brasileira. Para tanto, organizamos o texto em duas partes: na primeira, destacamos a atuação da escritora para as questões sociais, raciais e de gênero; na segunda parte, analisamos o conto *Maria*, discutindo a violência e o preconceito étnico-racial sofrido pela protagonista. Os resultados revelam a literatura afro-brasileira como instrumento de reflexão em torno das opressões de gênero, raça e classe e para a (re)construção de uma sociedade mais igual e justa.

CONCEIÇÃO EVARISTO, UMA VOZ DA RESISTÊNCIA

Maria da Conceição Evaristo de Brito, filha de Dona Joana e de José, nasceu em 1946 em Belo Horizonte. De origem humilde, migrou na década de 1970 para o Rio de Janeiro, onde fez a graduação em Letras, tornou-se mestre em Literatura e fez doutorado em Literatura Comparada, qualificação que favoreceu tornar-se professora na rede pública de ensino da capital fluminense.

Evaristo é considerada uma das mais importantes vozes da literatura afro-brasileira. Poeta, contista e romancista, foi homenageada como Personalidade Literária em 2019 pelo Prêmio Jabuti e vencedora do mesmo Prêmio em 2015. Para ela, a escrita afro-brasileira é marcada pelo ponto de vista da mulher negra. A partir dessa constatação, formula o conceito fundamental de sua produção literária, a escrevivência, isto é, “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (Oliveira, 2009, p. 622).

Isso significa que o ato de invenção da escrita vem acompanhado de vivências, sendo traduzida pelo seguinte depoimento da própria escritora:

Em síntese quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (Evaristo, 2009, p.18).

A autora estreou no universo da literatura em 1990, com a publicação de poemas e contos na série *Cadernos Negros 13*. Entre a sua escrita poética, além de *Olhos D’água*, destacamos algumas obras de sua vasta produção literária, tais como: *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011); *Históricos de leves enganos e parecenças* (2016); *Canção para ninar menino grande* (2018).

A qualidade de sua produção sinaliza a sua relação com a arte literária. Sobre esse aspecto, durante o lançamento de seu sexto livro *Histórias de leves enganos e parecenças*, a escritora confessa:

O prazer da literatura é justamente perceber que ela tem ressonância e volta justamente para nós mesmos. A maior felicidade é perceber que você é lida entre os seus e que sua escrita tem sentido. O primeiro espaço que legitimou e valorizou o meu texto foi o movimento negro, especialmente as melhores negras. (Alves, 2016, s/p)⁶.

A temática destacada por Evaristo em suas obras evidencia a preocupação da autora relacionada com o gênero, a etnia, a classe social desprivilegiada, a violência urbana e doméstica e a ancestralidade. A inspiração literária da autora traz à tona problemas vivenciados pela sociedade, confirmando que indivíduos menos favorecidos lutam cotidianamente pela sua dignidade.

Conceição aborda a violência em suas diversas formas, em especial, manifestada por meio do preconceito racial, de gênero e de classes tão evidentes no dia a dia das cidades. [...], a escrevivência, é um modo de escrita que surgiu da sua posição de pobreza, mulher e negra. [...] a Literatura Afro-brasileira dá visibilidade a negros e mestiços, sobretudo mulheres negras e mestiças, valoriza a etnicidade, uma vez que expõe a identidade negra das personagens, destacando os aspectos físicos e os aspectos culturais que trazem a africanidade, e evidencia tanto a inclusão

⁶ Cf. Homenageada com poemas e cantos, Conceição Evaristo lança sexto livro, disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/17/homenageada-com-poemas-e-cantos-conceicao-evaristo-lanca-sexto-livro>. Acesso em 07 out. 2023.

quanto a exclusão sofridas por afrodescendentes no Brasil (Balisa; David, 2017, p.18).

A escrita literária de Conceição Evaristo é consenso entre muitos estudiosos ao verificarem que a autora realiza uma produção rica em sua linguagem ética e estética. Cardoso e Silva (2017), por exemplo, apontam a literatura da autora como sendo poética, musical e ritmada, de modo que consegue prender e despertar a atenção do leitor para as desigualdades sociais existentes. Corroborando com esse posicionamento, Duarte, Côrtes e Pereira (2018) assinalam que a literatura de Conceição é marcada por uma poética da alteridade, cujo comprometimento se finda na crítica social, na história afrodescendente e na ancestralidade cultural, regada por reflexões profundas sobre o papel da mulher.

A partir desse levantamento realizado em torno da vida e da escrita literária da autora, é possível compreender a dimensão da denúncia acerca da condição da protagonista do conto *Maria*, objeto desta análise – uma narrativa produzida por uma mulher negra, marcada por um posicionamento que busca destacar a sua vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Dessa forma, a escritora constrói, em suas narrativas, figuras memoráveis como a personagem Maria, uma mulher negra agredida – injustamente pela vida e por representantes de um patriarcado histórico – até a morte. Nesse aspecto, a escritora denuncia ao longo da narrativa as práticas racistas e sexistas que subsistem ainda na sociedade atual brasileira, reivindicando outros espaços para os excluídos, conforme apresentamos na análise a seguir.

“ESTAVAM TODOS ARMADOS COM FACAS A LASER QUE CORTAM ATÉ A VIDA”: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA

A violência, conforme Chauí (1985), é uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com finalidade de dominar, explorar e oprimir. Essa ação violenta trata a mulher dominada como um objeto e não como sujeito que é silenciado e se torna dependente e passivo em relação ao homem. Nessa perspectiva, a mulher perde a sua liberdade, ou seja, sua “capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir” (Chauí, 1985, p. 36).

Essa temática é problematizada no conto *Maria*, de Conceição Evaristo, reforçando a necessidade de reflexão sobre a violência contra a mulher, necessidade que se dá também devido à constatação do aumento da violência sofrida pelo gênero, de diversas formas. A exemplo desse fato, segundo os novos dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em

2023, 61,1% das vítimas do feminicídio são negras. O conto, que é parte da coletânea intitulada *Olhos D'água* (2015), é uma narrativa curta que conta a vida de uma empregada doméstica negra chamada Maria. Vivendo em uma favela em situação de vulnerabilidade social e econômica e abandonada pelo marido, Maria é a responsável por prover seus filhos sozinha com a limitada remuneração oriunda do seu trabalho como empregada doméstica.

Certo dia, após uma incansável espera do transporte público para o retorno à sua família, Maria embarca no ônibus que é assaltado pelo seu ex-companheiro, pai de seu filho. Os demais passageiros, ao constatarem que ela foi a única pessoa a não ser assaltada, revoltam-se contra a mulher, mediante uma sucessão de ofensas: a princípio, verbalmente; depois passam a agredi-la fisicamente até a morte. De forma semelhante à narrativa, vivem muitas mulheres a mesma situação em seus cotidianos, cuidando de seus filhos sozinhas sob um cenário forte de desigualdade e vivenciando a violência em seus mais diversos tipos.

O conto inicia-se com a descrição da ambientação onde se encontrava Maria – em um ponto do ônibus – para o retorno de sua casa depois do trabalho. No primeiro parágrafo, há uma repetição dos termos “cansada” e “cansaço” reforçando não apenas a fadiga pela espera do transporte, mas a exaustão decorrente das tarefas árduas realizadas na casa da patroa e, certamente, ao longo da vida. A espera incessante, a dificuldade financeira, o desconforto físico causado pelo peso excessivo das sacolas com sobras de comida que carregava sinalizam quão penosa era a vida de Maria.

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de tanto esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora (Evaristo, 2016, p. 39).

A passagem que inicia o conto mostra um visível contexto social marcado pela desigualdade entre empregado e patrão. A desigualdade de renda estabelece-se à medida que descreve uma doméstica, uma mãe solo que aproveita para os seus filhos os restos de comida: “o osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa” da festa promovida pela patroa na noite anterior. A cena evidencia, pois, a diferença social que permeia a narrativa a partir das primeiras linhas, assim como as marcas do patriarcalismo. Nesse sentido, Davis (2016, p. 102) afirma:

O pensar, o agir e ser da mulher negra escravizada tornou-se subordinado a cultura europeia elitista, a qual colocou a mulher negra na condição de vítima de muitos algozes, objeto explorado na mão de obra escravista (lavoura, serviços domésticos), [...] constantemente desrespeitada e subordinada e explorada, tratada como um mero objeto e não um ser humano.

Dessa forma, de acordo com a filósofa estadunidense, às mulheres cabiam constantes momentos de subordinação, desrespeito e exploração, sendo concebidas como objeto, negadas a elas a condição de serem vistas como ser humano.

Outros aspectos de desigualdade social e econômica se comprovam em vários momentos da narrativa, como o acidente que a empregada sofreu com uma faca: “A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (Evaristo, 2016, p.40). Percebe-se que o ferimento ocasionado no trabalho não preocupa a patroa, posto não haver menção pela voz dessa personagem. O fato aponta, pois, para a compreensão de uma mulher indiferente à dor de Maria, que continua realizando suas tarefas domésticas normalmente.

A expressão “corta até a vida” reaparece em outras passagens da narrativa, fazendo-nos refletir sobre as diversas formas de violência vivenciadas por Maria e por tantas mulheres em nossa sociedade. Pensar sobre a violência sofrida pela protagonista do enredo permite-nos indagar sobre diversos fatores desencadeadores das agressões sofridas por ela e que se assemelham às situações de tantas outras Marias em nosso país.

A história da protagonista, criada por Conceição Evaristo, é permeada por violência verbal e física ao evidenciar o preconceito e a exclusão por que passa Maria ao ser julgada cruelmente pelos passageiros do ônibus: “Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois” (Evaristo, 2015, p. 41).

Com essa conduta, que é histórica na sociedade, constrói-se um discurso de poder e de superioridade sobre a mulher negra, expressando estereótipos negativos sobre ela ao expor a violência clara e gratuita de que é vítima. Por ela ter sido a única passageira a não ser assaltada, e por ter sido vista sentada ao lado de um dos assaltantes, colocaram-na como envolvida com a dupla de infratores. Imediatamente ao ocorrido, surge um embate entre os passageiros do ônibus e a mulher que, inocentemente, é julgada por um crime não cometido.

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. (...) Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que

o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (Evaristo, 2016, p. 42).

A expressão “facas a laser que cortam até a vida” marca o texto em um sentido metafórico, referindo-se às agressões sofridas, ao longo do conto, por Maria. A partir dessas cenas, percebemos quão importante é a literatura como artefato de reflexão para questões tão caras, como o respeito às diferenças de qualquer natureza.

Percebemos também a necessidade de refletirmos sobre a vulnerabilidade e as situações de violência trazidas no conto ao revelar a situação de uma mulher negra e pobre em uma sociedade onde a violência impera de diversas formas para esse grupo. A primeira violência trata-se do fato da protagonista trabalhar como empregada doméstica e não receber o que lhe é devido, configurando-se um trabalho análogo ao escravo, ao não desfrutar de seus direitos como trabalhadora. Outra forma de violência ocorreu quando fora abandonada pelo companheiro e, por esta razão, acabou criando seus filhos sozinha, sem condições dignas. Soma-se também ao rol de violências quando Maria foi julgada como criminosa, insultada com adjetivos de cunho machistas e racistas por um discurso de ódio. E, por fim, o ápice da violência que ocorre sem o direito à defesa devida por parte do acusado, quando o corpo de Maria cruelmente foi dilacerado, todo pisoteado até a morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um grande percentual de mulheres sofre algum tipo de violência durante sua vida. Falar e escrever sobre a literatura de autoria feminina e mais ainda sobre a literatura de autoria feminina negra acaba se tornando uma ferramenta de resistência e denúncia. Nesse aspecto, Conceição Evaristo é sinônimo dessa resistência, haja vista compreendemos, por meio do seu conto *Maria*, que a violência sofrida pela protagonista permite-nos indagar sobre os diversos fatores desencadeadores das agressões sofridas por inúmeras mulheres em nosso país. A análise aqui desenvolvida aponta a necessidade de refletirmos as situações de violência das quais as mulheres negras, em especial, são vítimas. Essas reflexões, ao serem provocadas pela literatura e compreendidas como instrumento de (re)construção de uma sociedade, podem ampliar discussões sobre a prevenção e a desconstrução de violência contra a mulher negra.

Conceição e muitas outras escritoras da literatura nos mobiliza a repensar as trajetórias por que passaram ou passam muitas mulheres e a propor alternativas para conceder voz a mulheres em situação de violência – termo concebido como tudo o que traz sofrimento, causa

constrangimento e impede a livre expressão do indivíduo em decorrência da violência física, sexual, psicológica, patrimonial e moral.

Por fim, é necessário reconhecer que o preconceito racial e a violência ultrapassam as barreiras da ficção revelando sua realidade, mostrando que ainda temos muitas Marias que têm suas vidas marcadas pelo ódio, desigualdade, violência, silenciamentos e mortes. A voz de Evaristo nos representa ao ecoar como um ato de luta, recusando o silêncio e confrontando a cultura dominante que minimiza as diversas formas de violência sofridas pelas mulheres.

REFERÊNCIAS

BALISA, Fernanda Francisca; DAVID, Nismária Alves. A violência contra a mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. **Literata**, Ilhéus, v.7, jan./jun. 2017.

CARDOSO, Sebastião Marques; SILVA, Elen Karla Sousa da. Representações da violência no conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo. **Revista da Anpoll**, n. 43, Florianópolis, jul./dez. 2017, p. 59-74.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre Mulher e Violência. In.: FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Maria Laura V. C. e HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Perspectivas Antropológicas da Mulher** 4. São Paulo, Zahar Editores, 1985.

DAVIS, Angela, **Mulheres, raça e classe**. (Tradução Heci Regina Candiani). 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário. **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Maria. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v.13, n.25, p.17-31, 17 dez. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivência” em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(2): 344 maio-agosto/2009, p.621-623. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.